

No início do século XX, o período da Belle Époque, influenciado por ideais franceses, modernizou muitas cidades brasileiras e possibilitou que o acesso à cultura fosse difundido, em especial pelo cinema. No entanto, no Brasil hodierno ainda são enfrentadas problemáticas para democratizar esse veículo cultural e torná-lo mais viável para toda a população. Sob esse viés, é evidente que a postergação do impasse é causada pela elitização da cultura na sociedade brasileira e pela substituição das telas de cinema pelos aparelhos eletrônicos.

A priori, é necessário discutir como o acesso ao cinema é limitado a uma determinada classe social. Nesse sentido, é indubitável que os indivíduos das classes mais favorecidas têm mais oportunidades de frequentar esses ambientes em detrimento das classes sociais mais baixas, as quais enfrentam diversas limitações, principalmente pelos altos valores dos bilhetes e pela centralização urbana desses espaços. Por conseguinte, muitas pessoas não têm acesso à cultura e essa ferramenta da união torna-se instrumento de segregação. Sob tal ótica, tornar o cinema mais democrático seria romper com os empecilhos financeiros que cercam essa problemática, pois, consoante o pensador Confúcio, o direito à cultura deve ser independente das classes sociais.

Outrossim, é imperioso destacar como os aparelhos eletrônicos tornaram-se um mecanismo de substituição ao cinema físico. Nessa conjuntura, cabe mencionar o conceito de “Mundo Líquido”, do sociólogo Zygmund Bauman, o qual descreve as relações contemporâneas como rasas e efêmeras. Nesse contexto pós-moderno, as relações interpessoais são substituídas pelas facilidades do mundo digital, pois as pessoas se limitam ao conforto de suas casas. Desse modo, muitos indivíduos se prendem às plataformas de séries e filmes e restringem suas possibilidades de interação social.

Depreende-se, portanto, que a elitização dos espaços de exposição cinematográfica e o surgimento de tecnologias de substituição ao cinema físico são razões pelas quais o problema persiste. Logo, faz-se necessário que o Ministério da Cidadania crie projetos sociais, através de um movimento cultural chamado “Cinema para todos”. Além disso, esse movimento deve adequar seus valores para a população local. Sob esse aspecto, essa ação teria o fim de democratizar o cinema e torná-lo acessível para todos. Dessa maneira, as classes sociais e as tecnologias atuais não seriam empecilhos para o acesso à cultura.